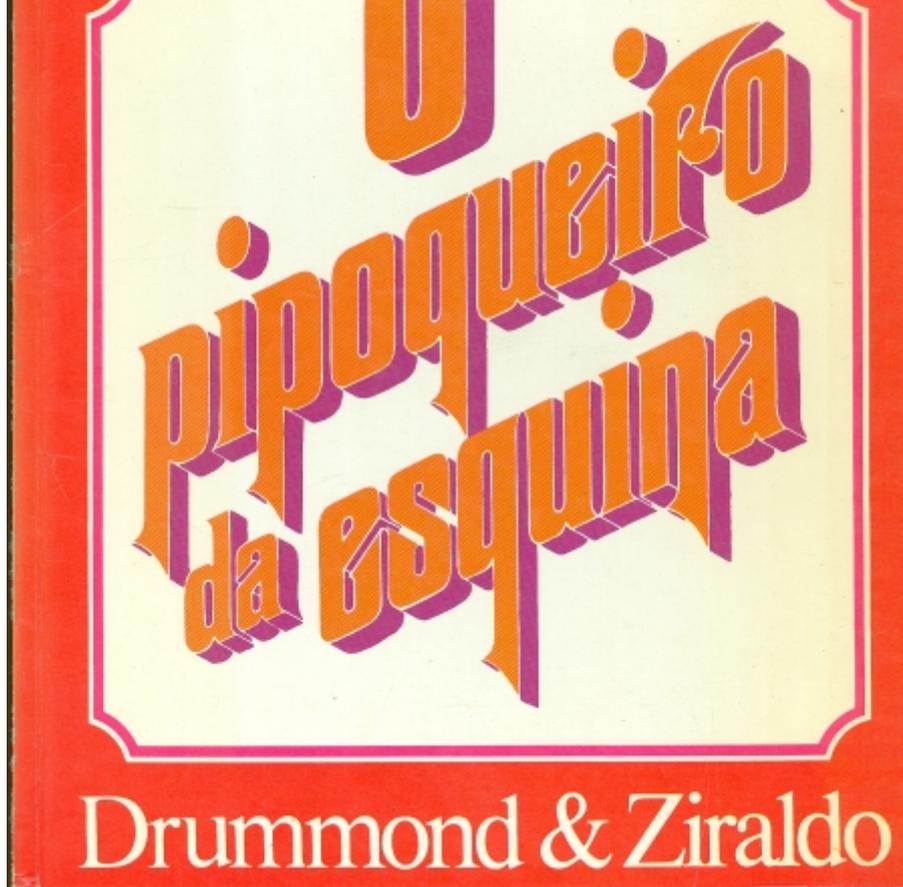




BREJO DAS ALMAS
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

COMPANHIA DAS LETRAS



Brejo das Almas

Segundo livro de Drummond, *Brejo das almas* foi publicado em 1934, ano em que o poeta deixou Belo Horizonte para viver no Rio de Janeiro. Há quem considere a obra inexpressiva pelo fato de aparecer ensanduichada por dois grandes títulos, *Alguma poesia* (1930) e *Sentimento do mundo* (1940). No entanto, basta ler ou mesmo passar os olhos nos 26 poemas de *Brejo das almas* para se dar conta da qualidade da publicação. “O amor bate na aorta” (“Meu bem, não chores,/ hoje tem filme de Carlito!”), “Hino nacional” (Precisamos descobrir o Brasil!/ Escondido atrás das florestas”), “As namoradas mineiras” (“Uma namorada em cada município”), “Em face dos últimos acontecimentos” (“Oh! sejamos pornográficos”), “Não se mate” (“Carlos, sossegue, o amor/ é isso que você está vendo:/ hoje beija, amanhã não beija”), “Segredo” (“A poesia é incomunicável./ Fique torto no seu canto./ Não ame”) e “Necrológio dos desiludidos do amor” (“Os desiludidos do amor/ estão desfechando tiros no

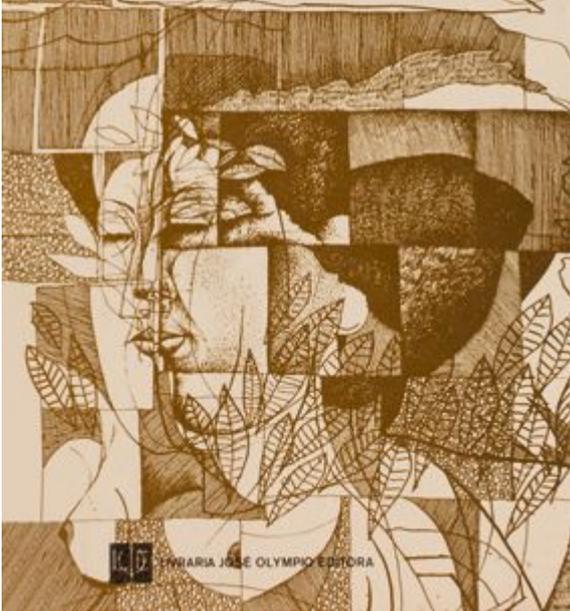
peito”) são alguns dos clássicos drummondianos presentes, justamente, neste livraço que é *Brejo das almas*.

O pipoqueiro da esquina

Ziraldo aproveitou frases de crônicas que Carlos Drummond de Andrade publicou no *Jornal do Brasil* para idealizar *O pipoqueiro da esquina*. Publicado pela Codreci em 1981, o livro é feito com sacadas do poeta ilustradas pelo desenhista. “Cada frase ficou valendo mil, cada frase uma casa-da-moeda de imagens energéticas”, comentou Drummond. Eis um exemplo de uma frase, ou pipoca, drummondiana: “Enfim: vai ser suspenso o desmatamento da Amazônia. Por falta de mata?”. Outra pipoca: “A moral do outro lado: a prova de que há um retrocesso na pornografia é que as capas de revistas especializadas só apresentam nádegas”. Ziraldo contou como o livro foi surgindo em sua mente: “Eu descobri que as pipocas do Drummond são charges em estado de dicionário. Enxutas, palavra pura, as pipocas contêm a crítica, a observação aguda, a análise, a contundência, a revelação, a criatividade e o humor que uma charge exata deve ter”. Vale, enfim, conferir o livro e apreciar a conversa entre pipoca e traço. É uma experiência ímpar.

DE ANDRADE

A Paixão Medida



ED. 1072 EDITORA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

CORPO

novos poemas



CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

A paixão medida

Esta obra aparece em 1980, ano em que o poeta comemorava meio século de vida editorial e dois anos antes de Drummond completar 80 anos (em 1982). No texto “A riqueza do vocábulo”, que acompanha uma reedição da obra, Miguel Sanches Neto afirma que “Depois de *A paixão medida*, Drummond entra definitivamente na fase dos poemas amorosos”. “O poeta conjuga a poesia no território voluptuoso do corpo, tirando dele o ímpeto criativo”, acrescenta Sanches Neto no texto em que analisa o livro em questão. O amor, de fato, é tema para poemas desta obra, para livros posteriores e já presente em obras anteriores. Mas em *A paixão medida* Drummond também se permite problematizar poeticamente a brevidade da existência a partir de sua já então vasta experiência e memória. Destaque para “Arte poética”: “Uma breve uma longa, uma longa uma breve/ uma longa duas breves/ duas longas/ duas breves entre duas longas/ e tudo mais é sentimento ou fingimento/ levado pelo pé, abridor de aventura,/ conforme a cor da vida no papel.”

Corpo

“Meu corpo não é meu corpo,/ é ilusão de outro ser./ Sabe a arte de esconder-me/ e é de tal modo sagaz/ que a mim de mim ele oculta.” Esta é a primeira estrofe do primeiro poema de *Corpo*, publicado em 1984, um dos mais relevantes livros da fase final de Carlos Drummond de Andrade. O desejo e a viagem pelas possibilidades corpóreas dão o tom de vários poemas desta obra, mas a permanente surpresa diante da existência também aparece magistralmente, por exemplo, em “História natural”: “Cobras cegas são notívagas./ O orangotango é profundamente solitário./ Macacos também preferem o isolamento./ Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos./ Andorinhas copulam no voo./ O mundo não é o que pensamos”. O livro ainda traz “Favelário nacional”, poema em que Drummond fala da miséria que, lenta, mas irreversivelmente, marcaria o visual e realidade das metrópoles brasileiras: “Vai desabar, vai desabar/ o teto de zinco marchetado de estrelas naturais/ e todos, ó ainda inocentes, ó marginais estabelecidos, morreréis/ pela ira de Deus, mal governada”.

Romano de
Sant'Anna

Drummond:

o gauche no tempo

CRÍTICA LITERÁRIA



100



20

Livraria José Olympio Editora

**CARLOS
DRUMMOND
DE
ANDRADE**

Cadeira de balanço
Cadeira de balanço
Cadeira de balanço

Drummond: o *gauche* no tempo

Um estudo sobre a obra do poeta de Itabira que merece ser lido é *Drummond: o gauche no tempo*, de autoria de Affonso Romano de Sant'Anna. O ensaísta elegeu 11 livros de poemas de Drummond para estudar o tempo, “coordenada a partir da qual se podem reagenciar os tópicos principais de sua poesia, demonstrando o caráter sistêmico de sua construção poética.” O estudo de Sant'Anna é surpreendente, inclusive por apresentar dados tabelados e gráficos que auxiliam o leitor a compreender o que é apresentado nas páginas do livro. Entre os méritos da obra, destaca-se a definição que Sant'Anna apresenta para *gauche*, expressão presente na obra de Drummond, muito repetida, mas às vezes incompreendida: “*Gauche* é a palavra em que se cristalizou a essência da personalidade estética do poeta. Significa basicamente o indivíduo desajustado, marginalizado, à esquerda dos acontecimentos. Tal interpretação, com evidente sentido ético, encontra-se tanto no raciocínio mágico primitivo quanto na mente civilizada.”

Cadeira de balanço

Drummond foi cronista [leia mais na reportagem publicada na página 20] e esta obra reúne alguns dos mais intensos textos em prosa escritos pelo poeta. Lançado em 1966, *Cadeira de balanço* não é um título aleatório [nada em Drummond é fortuito]. O autor explica o que o nome da obra significa: “Cadeira de balanço é móvel da tradição brasileira que não fica mal em apartamento moderno. Favorece o repouso e estimula a contemplação serena da vida, sem abolir o prazer do movimento. Quem nela se instale poderá ler estas páginas mais a seu conforto”. O leitor, então, segue pelas páginas e tem acesso ao que foi o cotidiano carioca da segunda metade do século XX a partir da perícia única do artista de Itabira. Qualquer fragmento pode dar a dimensão da potência do cronista-poeta, como o texto “A contemplação do Arpoador”: “Pediram-me que definisse o Arpoador. É aquele lugar dentro da Guanabara e fora do mundo, aonde não vamos quase nunca, e onde desejaríamos (obscuramente) viver”. Precisa mais? O livro, evidentemente, oferece mais, muito mais.